Os impactos psicossociais da epilepsia: uma revisão integrativa

The psychosocial impacts of epilepsy: an integrative review

Pedro Henrique Caroca Cavalcante dos Santos[1]
Yanne Maria da Costa Anacleto Estrela[2]
Yoshyara da Costa Anacleto Estrela[3]

RESUMO

O objetivo do presente estudo é compreender como fatores como estigma, depressão e ansiedade afetam a qualidade de vida de pessoas com epilepsia, além de identificar abordagens terapêuticas para mitigar esses impactos. A metodologia adotada seguiu uma revisão integrativa de literatura com a busca em bases como National Library Of Medicine (PubMed), Science Direct e World Wide Science (WWS) pelos descritores "Epilepsy", "Quality of Life", "Depression" e "Stigma". Inclui-se estudos dos últimos 5 anos e que estivessem relacionados a temática, bem como discussões éticas acerca do diagnóstico de epilepsia. Os resultados indicam que há uma correlação significativa entre a epilepsia e a prevalência de distúrbios mentais, como depressão e ansiedade, impactando negativamente a qualidade de vida dos pacientes. A gravidade da depressão pode mediar os efeitos do estigma sobre a qualidade de vida. Ressalta-se também que maior conhecimento sobre a epilepsia pode melhorar as atitudes sociais, diminuindo o estigma e, consequentemente, os sintomas de ansiedade e depressão. Diante desse viés, destaca-se a necessidade de intervenções multidisciplinares que tratem não apenas das crises epilépticas, mas também das comorbidades psiquiátricas. O suporte psicossocial, aliado à educação e campanhas de conscientização, emerge como fundamental para reduzir o estigma e melhorar o bem-estar emocional dos pacientes. As lacunas na literatura apontam para a necessidade de estudos adicionais que explorem o impacto de intervenções psicológicas e sociais na melhoria da qualidade de vida de pessoas com epilepsia em diferentes contextos culturais.

Palavras-Chave: Epilepsy; Quality of Life; Depression; Stigma.

ABSTRACT

The aim of this study is to understand how factors such as stigma, depression and anxiety affect the quality of life of people with epilepsy, as well as to identify therapeutic approaches to mitigate these impacts. The methodology adopted was an integrative literature review with a search in databases such as the National Library of Medicine (PubMed), Science Direct and World Wide Science (WWS) for the descriptors "Epilepsy", "Quality of Life", "Depression" and "Stigma". We included studies from the last five years that were related to the topic, as well as ethical discussions about the diagnosis of epilepsy. The results indicate that there is a significant correlation between epilepsy and the prevalence of mental disorders such as depression and anxiety, negatively impacting patients' quality of life. The severity of depression may mediate the effects of stigma on quality of life. It should also be noted that greater knowledge about epilepsy can improve social attitudes, reducing stigma and, consequently, symptoms of anxiety and depression. In this light, there is a need for multidisciplinary interventions that address not only epileptic seizures, but also psychiatric comorbidities. Psychosocial support, combined with education and awareness campaigns, is essential to reduce stigma and improve patients' emotional well-being. The gaps in the literature point to the need for further studies exploring the impact of psychological and social interventions on improving the quality of life of people with epilepsy in different cultural contexts.

Keywords: Epilepsy; Quality of Life; Depression; Stigma.

[1]Graduando do curso de Medicina pelo Centro Universitário de Patos – UNIFIP, Patos, PB; Pedrosantos@med.fiponline.edu.br
[2]Graduanda do Curso de Medicina pelo Centro Universitário de Patos – UNIFIP, Patos, PB; Yanneestrela@med.fiponline.edu.br
[3]Especialista em Medicina da Família e Comunidade pelo Centro Universitário de Patos – UNIFIP, Patos, PB; yoshyaraestrela@fiponline.edu.br

INTRODUÇÃO

A epilepsia é uma condição neurológica crônica que afeta cerca de 50 milhões de pessoas no mundo, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), sendo uma das condições neurológicas mais comuns globalmente. Caracterizada pela predisposição a crises epilépticas recorrentes, suas implicações vão além dos aspectos clínicos, influenciando profundamente a vida dos pacientes em termos sociais e psicológicos (Barbosa *et al*., 2024).

As crises epilépticas podem variar em termos de frequência e severidade, sendo que as crises generalizadas, como as crises tônico clônicas, podem ser particularmente disruptivas. No entanto, além dos efeitos fisiológicos das crises, os impactos psicossociais da epilepsia merecem uma atenção especial, uma vez que o estigma social, os preconceitos e a marginalização podem prejudicar gravemente a qualidade de vida dos pacientes (Batchelor; Taylor, 2021).

A coexistência de comorbidades psiquiátricas, como depressão, ansiedade e suicídio, tem sido amplamente documentada em pacientes epilépticos, o que aumenta a complexidade no manejo da doença e reforça a necessidade de uma abordagem multidisciplinar (Bølling-Ladegaard *et al*., 2022; Ghosh; Baruah, 2024). A relação entre epilepsia e distúrbios psicológicos é bidirecional, com evidências sugerindo que a presença de um distúrbio pode aumentar o risco de desenvolvimento do outro, criando um ciclo vicioso que dificulta o tratamento eficaz (Moura *et al*., 2021).

Neste contexto, é fundamental compreender os fatores psicossociais que afetam pessoas com epilepsia, de modo a promover estratégias de tratamento mais eficazes e intervenções que visem melhorar a qualidade de vida. O presente estudo tem como objetivo realizar uma revisão integrativa da literatura contemporânea sobre os impactos psicossociais da epilepsia, com ênfase nos estudos publicados entre 2020 e 2024, para fornecer uma análise abrangente sobre os desafios enfrentados por esses pacientes. Além disso, busca-se examinar como diferentes abordagens terapêuticas têm lidado com essas questões para melhorar os desfechos clínicos e psicossociais.

MÉTODO

Este trabalho foi conduzido por meio de uma revisão integrativa da literatura, metodologia que permite a inclusão de pesquisas empíricas e teóricas sobre uma certa temática (De Sousa; Bezerra; Do Egypto, 2023). Para a realização desta revisão integrativa, foi

conduzida uma busca em bases de dados, como *National Library Of Medicine* (*PubMped)*, *Science Direct* e *World Wide Science* (WWS). Foram utilizados os seguintes descritores e combinações de palavras-chave: "*Epilepsy*", "*Quality of Life*", "*Depression*" e "*Stigma*" com o operador boleando "*AND*" associado.

O levantamento preliminar dos estudos remeteu a 129 artigos encontrados e, ao aplicar os critérios de inclusão, sendo eles o período de 2020 a 2024, escritos em inglês, espanhol ou português, e que discutissem a relação entre epilepsia e fatores psicossociais, o número foi reduzido para 60 estudos. Em seguida, os critérios de exclusão foram aplicados, removendo artigos duplicados, estudos sem dados empíricos, e aqueles focados exclusivamente em aspectos farmacológicos ou cirúrgicos sem discussão psicossocial, resultando em 42 artigos.

Após, a seleção de artigos foi realizada pela leitura de títulos, resumos e, por fim, o texto completo, priorizando estudos que discutissem tanto as abordagens psicológicas quanto as questões éticas relacionadas ao diagnóstico e tratamento da epilepsia perante a sociedade. Com tal refinamento, 17 artigos foram selecionados para a realização do presente estudo. A revisão incluiu ainda uma análise de lacunas presentes na literatura, abordando sugestões para pesquisas futuras nessa área.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O quadro 1 foi realizado com as características dos 17 artigos selecionados para a atual revisão integrativa, sendo classificada por autores e ano de publicação, o título do artigo, título do periódico, idioma publicado e o país de publicação. Diante dessa análise, analisou-se que os artigos, em sua maioria, foram publicados tanto nos anos de 2020, 2021 e 20204 com 5 artigos em cada ano (n=15; 88,32% da amostra), seguido por mais achados publicados na língua inglesa (n=9; 52,94%), sendo que o país que mais contempla o assunto em veiculação é o Brasil (n=7; 41,17%).

Quadro 1: Caracterização geral dos estudos selecionados

Autores/Ano	**Título do Artigo**	**Título do Periódico**	**Idioma**	**País de Publicação**
Barbosa *et al*. (2024)	Abordagem interdisciplinar no manejo de pacientes com crises convulsivas	Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences	Português	Brasil

Batchelor; Taylor (2021)	Young adults with epilepsy: Relationships between psychosocial variables	Epilepsy & Behavior	Inglês	EUA
Bølling-Ladegaard E. *et al*. (2022)	Directionality of the Association Between Epilepsy and Depression	Neurology	Inglês	Dinamarca
Costa *et al*. (2020)	Atualização em epilepsia: revisão de literatura	Revista de Medicina	Português	Brasil
Ghosh; Baruah. (2024)	Meta-analysis of effectiveness of psychosocial treatment programs in epilepsy	Indian Journal of Social Psychiatry	Inglês	Índia
Gruenbaum *et al*. (2021)	Absence seizures and their relationship to depression and anxiety	Epilepsia	Inglês	EUA
Levada *et al*. (2024)	Tratamentos para a Epilepsia: Uma Análise da Literatura Recente	Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences	Português	Brasil
Moura *et al*. (2021)	Análise da relação entre epilepsia e depressão	Brazilian Journal of Health Review	Português	Brasil
Mula *et al*. (2020)	Psychiatric comorbidities in people with epilepsy	Neurology: Clinical Practice	Inglês	Índia
Pereira *et al*. (2022)	Uma revisão acerca da epilepsia: sua epidemiologia no mundo e seu tratamento	Brazilian Journal of Health Review	Português	Brasil
Pereira; Nogueira; Teixeira. (2021)	Epilepsy and psychosis– where are we now?	European Psychiatry	Inglês	Reino Unido
Rita *et al*. (2024)	Os impactos que interferem na qualidade de vida de	Research, Society and Development	Português	Brasil

	crianças com epilepsia			
Teixeira; Silva. (2020)	Epilepsia e depressão: fatores neuropsicológicos e sociais	Brazilian Journal of Health Review	Português	Brasil
Thomas *et al*. (2024)	Quality of life in people with epilepsy: The associations of anti-seizure...	Epilepsy & Behavior	Inglês	EUA
Tombini *et al*. (2021)	Epilepsy and quality of life: what does really matter?	Neurological Sciences	Inglês	Itália
Yang *et al*. (2020)	Risk factors for depression in patients with epilepsy: A meta-analysis	Epilepsy & Behavior	Inglês	EUA
Zapata; Restrepo-Martínez; Restrepo. (2020)	Depresión en personas con epilepsia. ¿Cuál es la conexión?	Revista Colombiana de Psiquiatría	Espanhol	Colômbia

O Quadro 2 categoriza os artigos revisados com base em suas abordagens e principais resultados. Diante dessa análise, observa-se uma predominância de abordagens psicossociais, com 10 artigos (58,82% da amostra) focando em como fatores como estigma, depressão e ansiedade impactam a qualidade de vida de pacientes com epilepsia. Essa tendência destaca a importância de integrar cuidados psicológicos no manejo da epilepsia. Além disso, verificou-se que a abordagem interdisciplinar é a mais frequente, com 12 artigos (70,58% da amostra) discutindo a necessidade de colaboração entre neurologistas e profissionais de saúde mental para otimizar o tratamento. Em contraste, apenas 5 artigos (29,41%) abordam diretamente questões éticas relacionadas ao tratamento da epilepsia, indicando uma lacuna na discussão sobre os dilemas éticos enfrentados por pacientes e profissionais. Essa análise sugere que, embora haja um foco crescente em intervenções psicossociais, é fundamental ampliar a discussão sobre as implicações éticas dessas abordagens no cuidado com pacientes epilépticos.

Quadro 2: Categorização dos principais resultados e abordagem de cada artigo incluído.

Autores/Ano	Tipo de Abordagem	Principais Resultados
Barbosa *et al*. (2024)	Abordagem interdisciplinar no manejo de crises epilépticas.	A abordagem interdisciplinar demonstrou resultados positivos no controle das crises recorrentes, com diminuição da frequência e intensidade das convulsões. Além disso, observou-se uma melhora no bem-estar psicológico dos pacientes, especialmente em relação à adesão ao tratamento.
Batchelor; Taylor (202	Avaliação de fatores psicossocia e comorbidades.	Os autores encontraram uma correlação significativa entre a presença de comorbidades como depressão e ansiedade e o aumento da ideação suicida em jovens adultos com epilepsia. A pesquisa sugere que o suporte emocional e intervenções psicossociais são essenciais para reduzir esses impactos.
Bølling-Ladegaard E. *e*	Estudo de coorte nacional sobre epilepsia e depressão.	O estudo revelou que a depressão e a epilepsia possuem uma relação bidirecional, com a depressão aumentando o risco de epilepsia e vice-versa. Além disso, sugere que tratamentos voltados à saúde mental podem melhorar os resultados de pacientes com epilepsia.
Costa *et al*. (2020)	Revisão de literatura sobre tratamentos medicamentoso e cirúrgico.	A revisão destaca o tratamento farmacológico como primeira linha de intervenção para o controle das crises epilépticas. O uso de medicamentos antiepilépticos mostrou-se eficaz no controle das crises, mas efeitos colaterais psicossociais foram relatados em pacientes de longo prazo.
Ghosh; Baruah. (2024)	Meta-análise de programas de tratamento psicossocial.	A meta-análise indicou que os programas de tratamento psicossocial, incluindo intervenções familiares e terapias cognitivo-comportamentais, são eficazes na melhora da qualidade de vida de pacientes epilépticos, especialmente em relação à autoestima e à redução da ansiedade e depressão.
Gruenbaum *et al*. (202	Estudo sobre a bidirecionalidade de crises de ausência e ansiedade/depressão.	O estudo revelou que crises de ausência estão associadas a altos índices de depressão e ansiedade, sugerindo uma relação bidirecional. Intervenções precoces em saúde mental podem melhorar o prognóstico dos pacientes e o controle das crises.
Levada *et al*. (2024)	Análise de tratamentos recentes para epilepsia.	A pesquisa apresentou uma revisão das opções de tratamento contemporâneas, sugerindo que novas terapias antiepilépticas e abordagens integrativas, como a neuromodulação, mostram-se promissoras para reduzir os impactos das crises em longo prazo.
Moura *et al*. (2021)	Estudo sobre a relação entre epilepsia e depressão.	Os autores destacam que a epilepsia é um fator de risco significativo para o desenvolvimento de transtornos depressivos, o que impacta diretamente na qualidade de vida e no manejo das crises. Abordagens integrativas que tratam simultaneamente ambas as condições são recomendadas.
Mula *et al*. (2020)	Abordagem psiquiátrica de comorbidades em pessoas com epilepsia.	O estudo mostrou que pacientes com epilepsia frequentemente apresentam comorbidades psiquiátricas, como depressão e transtornos de humor. O tratamento combinado, incluindo antiepilépticos e antidepressivos, pode melhorar significativamente o bem-estar dos pacientes.

Pereira *et al*. (2022)	Revisão sobre a epidemiologia e tratamentos globais da epilepsia	Os autores sugerem que, apesar dos avanços na medicina, a epilepsia continua sendo um problema de saúde global. Campanhas de conscientização pública e tratamentos individualizados podem melhorar os resultados, especialmente em regiões subdesenvolvidas.
Pereira; Nogueira; Teix (2021)	Revisão sobre a relação entre epilepsia e psicose.	O artigo revelou que a psicose pode ser uma complicação associada à epilepsia de longa duração, sendo frequentemente subdiagnosticada. Tratamentos psiquiátricos devem ser integrados ao manejo epiléptico para prevenir o agravamento de condições psicológicas.
Rita *et al*. (2024)	Revisão integrativa sobre qualidade de vida de crianças co epilepsia.	A pesquisa mostrou que crianças com epilepsia enfrentam desafios psicossociais significativos, incluindo estigmatização social e dificuldades escolares. Intervenções psicossociais e educativas são fundamentais para melhorar a qualidade de vida desse grupo.
Teixeira; Silva. (2020)	Análise neuropsicológica da relação entre epilepsia e depressão.	O estudo sugere que fatores neuropsicológicos e sociais desempenham um papel crítico na ligação entre epilepsia e depressão. A intervenção precoce em saúde mental pode mitigar os efeitos de longo prazo dessas condições.
Thomas *et al*. (2024)	Estudo sobre a qualidade de vid e uso de medicamentos antiepilépticos.	Os autores indicam que o uso prolongado de antiepilépticos, embora eficaz no controle das crises, pode afetar negativamente a qualidade de vida dos pacientes, devido a efeitos colaterais como fadiga e sintomas depressivos. O suporte psicossocial é crucial nesse contexto.
Tombini *et al*. (2021)	Estudo sobre epilepsia e qualida de vida.	O estudo mostrou que a qualidade de vida em pessoas com epilepsia é afetada por fatores biopsicossociais. A adesão ao tratamento, suporte social e intervenções psicossociais foram associados a melhores resultados na gestão da doença.
Yang *et al*. (2020)	Meta-análise sobre fatores de risco para depressão em paciente com epilepsia.	A meta-análise identificou que fatores como a frequência das crises, estresse social e falta de suporte emocional estão entre os principais preditores de depressão em pacientes epilépticos. Intervenções multidimensionais são sugeridas para lidar com essas variáveis.
Zapata; Restrepo-Martí Restrepo. (2020)	Estudo sobre a conexão entre epilepsia e depressão.	O estudo revelou que a depressão está fortemente associada ao estigma social relacionado à epilepsia. O manejo adequado da saúde mental, aliado ao combate ao estigma, pode melhorar os resultados dos pacientes.

Fonte: Bases de dados, 2024.

A literatura recente confirma a alta prevalência de comorbidades psiquiátricas em pessoas com epilepsia, especialmente depressão e ansiedade. Bølling-Ladegaard *et al*. (2022) destacam o rumo bidirecional da relação entre epilepsia e depressão, sugerindo que indivíduos com epilepsia têm maior propensão a desenvolver depressão, ao passo que aqueles com depressão têm um risco aumentado de desenvolver epilepsia. Este fenômeno é apoiado por

dados epidemiológicos e por estudos longitudinais, que mostram como o estresse contínuo gerado pelas crises epilépticas pode exacerbar sintomas de ansiedade e depressão (Gruenbaum *et al*., 2021).

Além disso, Batchelor e Taylor (2021) exploram as relações entre variáveis psicossociais, como suporte social, autoestima e controle percebido, com o surgimento de transtornos de humor em jovens adultos com epilepsia. Seus achados sugerem que a falta de apoio social adequado e o estigma relacionado à epilepsia são fatores críticos que aumentam o risco de desenvolvimento de depressão e pensamentos suicidas.

O estigma social associado à epilepsia é uma das principais barreiras para a integração plena de pacientes epilépticos na sociedade (Costa *et al*., 2020). Pereira *et al*. (2022) ressaltam que o medo de sofrer uma crise em público e a falta de compreensão da sociedade sobre a doença resultam em isolamento social, discriminação no ambiente de trabalho e dificuldades nas relações interpessoais.

A literatura também evidencia que a percepção do estigma está diretamente correlacionada com a qualidade de vida dos pacientes. Tombini *et al*. (2021) afirmam que, embora as crises epilépticas sejam um fator determinante para a qualidade de vida, o estigma percebido pelos pacientes tem um impacto ainda mais profundo na saúde mental e no bem-estar geral, influenciando suas interações sociais, oportunidades de emprego e autoestima.

Ghosh e Baruah (2024) conduziram uma meta-análise sobre a eficácia de programas de tratamento psicossocial em pacientes com epilepsia. Os resultados indicam que intervenções baseadas em terapias cognitivas comportamentais, treinamento de habilidades sociais e grupos de apoio podem melhorar significativamente os resultados psicológicos e reduzir os níveis de ansiedade e depressão. Além disso, os programas que envolvem as famílias dos pacientes têm mostrado ser particularmente benéficos, pois promovem uma melhor compreensão e suporte no manejo da epilepsia (Rita *et al*., 2024).

Por outro lado, Mula *et al*. (2020) discutem como as comorbidades psiquiátricas em pacientes epilépticos muitas vezes permanecem subdiagnosticadas e não tratadas. Eles destacam a importância de uma abordagem multidisciplinar que inclua neurologistas e psiquiatras no tratamento desses pacientes, para garantir que os aspectos psicológicos sejam abordados juntamente com os sintomas epilépticos.

Ao analisar os 17 artigos utilizados nesta revisão, surgem importantes insights sobre os impactos psicossociais da epilepsia e o manejo da condição. De forma geral, os estudos apontam para uma inter-relação entre epilepsia e transtornos psicológicos, como depressão e ansiedade, além de destacar a importância de intervenções psicossociais no tratamento. No entanto, há

convergências e divergências entre os estudos, bem como lacunas que ainda precisam ser abordadas pela literatura científica.

Na literatura sobre epilepsia, vários estudos apontam que o estigma social pode ter um impacto negativo significativo na qualidade de vida dos pacientes, sendo frequentemente mediado por outros fatores psicológicos. Zhang *et al*. (2021) exploraram como a severidade da depressão media o impacto do estigma percebido na qualidade de vida de pacientes com epilepsia. O estudo demonstrou que, quanto mais intensa a percepção de estigma, maior a probabilidade de desenvolvimento de quadros depressivos, o que, por sua vez, compromete a qualidade de vida. Assim, o manejo eficaz da depressão emerge como um ponto crítico para melhorar os resultados gerais dos pacientes, sugerindo que intervenções voltadas à saúde mental e ao combate ao estigma devem ser prioridades no tratamento holístico da epilepsia.

Em linha com essa abordagem, o estudo de Yeni *et al*. (2018) utilizou modelagem de equações estruturais para analisar as inter-relações entre conhecimento sobre epilepsia, atitudes, estigma, ansiedade, depressão e qualidade de vida. O estudo concluiu que o maior conhecimento sobre epilepsia está associado a atitudes mais positivas, que por sua vez reduzem a percepção de estigma e, consequentemente, os níveis de ansiedade e depressão. Esses achados reforçam a importância de campanhas educativas e programas de conscientização para reduzir o estigma e melhorar a qualidade de vida dos pacientes.

A maioria dos artigos revisados concorda com a existência de uma forte relação entre epilepsia e transtornos psiquiátricos, principalmente depressão e ansiedade. Estudos como os de Batchelor e Taylor (2021) e Gruenbaum *et al*. (2021), por exemplo, indicam que a ansiedade e a depressão são comorbidades frequentes em pessoas com epilepsia, corroborando a perspectiva de que essas condições devem ser tratadas de maneira integrada. Bølling-Ladegaard *et al*. (2022) e Mula *et al*. (2020) confirmam essa interdependência, evidenciando que a epilepsia pode, por si só, agravar ou desencadear esses transtornos, e que o tratamento inadequado de tais condições pode impactar negativamente no controle das crises epilépticas.

Outro ponto de convergência na literatura é a ênfase na importância de intervenções psicossociais. Estudos como os de Ghosh e Baruah (2024) e Moura *et al*. (2021) apontam para a eficácia de programas que integram tratamento médico com apoio psicológico, sugerindo que terapias cognitivas e intervenções familiares podem melhorar a qualidade de vida dos pacientes. Essas pesquisas destacam que, além do controle das crises convulsivas, o apoio emocional e social é fundamental para o bem-estar do paciente epiléptico, especialmente em grupos vulneráveis, como crianças, conforme apontado por Rita *et al*. (2024).

Apesar da convergência sobre a relação entre epilepsia e comorbidades psiquiátricas, há divergências sobre a melhor forma de tratamento**.** Barbosa *et al*. (2024) defendem uma abordagem interdisciplinar, integrando profissionais de diversas áreas da saúde, enquanto Costa *et al*., (2020) enfatizam o tratamento medicamentoso como principal intervenção. Embora as abordagens farmacológicas sejam amplamente utilizadas e recomendadas, alguns estudos sugerem que o uso exclusivo de medicamentos não é suficiente para lidar com os impactos psicossociais da epilepsia, apontando para a necessidade de abordagens mais holísticas.

Outro ponto de divergência está na eficácia das diferentes intervenções psicossociais. Embora Ghosh e Baruah (2024) tenham encontrado evidências robustas sobre os benefícios dessas intervenções, Thomas *et al*. (2024) indicam que a adesão ao tratamento medicamentoso pode, por si só, ser um fator significativo na qualidade de vida dos pacientes. Isso sugere que a eficácia das abordagens psicossociais pode variar de acordo com fatores individuais, como a resposta ao tratamento farmacológico, a gravidade das crises e o apoio social disponível.

Além disso, existem estudos que divergem sobre a relação entre epilepsia e depressão. Bølling-Ladegaard *et al*. (2022) indicam que a depressão pode preceder a epilepsia em alguns casos, enquanto outros, como Moura *et al*. (2021) e Teixeira e Silva (2020), sugerem que a epilepsia é a causa primária, sendo os transtornos psiquiátricos uma consequência da doença. Isso sugere a necessidade de mais estudos longitudinais para compreender a direção exata dessa relação.

Apesar dos avanços, existem lacunas importantes na literatura. A maioria dos estudos foca na relação entre epilepsia e comorbidades psiquiátricas em adultos, com poucos estudos focados em populações específicas, como crianças, idosos e grupos étnicos minoritários. Rita *et al*. (2024) trazem uma contribuição relevante ao focar em crianças com epilepsia, mas são necessários mais estudos para entender como diferentes faixas etárias e contextos sociais influenciam os impactos psicossociais da epilepsia.

Outro ponto pouco explorado é a eficácia das intervenções a longo prazo. Embora alguns estudos, como o de Ghosh e Baruah (2024), ofereçam dados promissores sobre intervenções psicossociais, faltam evidências sobre a durabilidade desses efeitos ao longo do tempo. Além disso, há uma carência de pesquisas que investiguem o impacto do uso prolongado de medicamentos antiepilépticos no bem-estar psicossocial dos pacientes, conforme apontado por Thomas *et al*. (2024) e Tombini *et al*. (2021).

Por fim, o estigma social relacionado à epilepsia e seus impactos na vida dos pacientes ainda é uma área que necessita de mais atenção. Pereira *et al*. (2022) e Levada *et al*. (2024) destacam a importância de campanhas de conscientização pública para reduzir o estigma, mas

são escassos os estudos que avaliam a efetividade dessas intervenções em termos de melhoria da qualidade de vida dos pacientes.

Com base nas lacunas identificadas, sugerem-se algumas direções para pesquisas futuras. Primeiro, seria importante a realização de estudos longitudinais para investigar a relação bidirecional entre epilepsia e comorbidades psiquiátricas, considerando diferentes faixas etárias e contextos socioeconômicos. Segundo, há a necessidade de explorar mais profundamente a eficácia das intervenções psicossociais a longo prazo, especialmente em populações mais vulneráveis. E, por último, estudos sobre o impacto do estigma social e de campanhas de conscientização podem contribuir para a redução dos impactos negativos da epilepsia no bem-estar psicossocial dos pacientes.

Diante da ótica vista, os estudos revisados fornecem uma base sólida sobre os impactos psicossociais da epilepsia e destacam a importância de abordagens integrativas no tratamento. No entanto, ainda há lacunas significativas a serem abordadas, principalmente em relação à compreensão das interações complexas entre fatores psicológicos e o manejo clínico da epilepsia, bem como à promoção de políticas públicas de apoio aos pacientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão integrativa destaca a importância de abordar os impactos psicossociais da epilepsia de forma abrangente e multidisciplinar. A inclusão de terapias psicossociais, juntamente com os tratamentos médicos tradicionais, é crucial para melhorar a qualidade de vida dos pacientes e mitigar os efeitos negativos das comorbidades psiquiátricas associadas. Futuros estudos devem focar na implementação de políticas públicas que promovam a inclusão social e reduzam o estigma enfrentado por esses indivíduos, para que possam viver com mais dignidade e suporte social.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, T. M. S. *et al.* Abordagem interdisciplinar no manejo de pacientes com crises convulsivas recorrentes. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 3, p. 184-193, 2024.

BATCHELOR, R.; TAYLOR, M. D. Young adults with epilepsy: Relationships between psychosocial variables and anxiety, depression, and suicidality. **Epilepsy & Behavior**, v. 118, p. 1-9, 2021.

BØLLING-LADEGAARD, E. *et al*. Directionality of the Association Between Epilepsy and Depression: A Nationwide, Register-Based Cohort Study. **Neurology**, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2022.

COSTA, L. L. O.; BRANDÃO, E. C.; SEGUNDO, L. M. B. M. Atualização em epilepsia: revisão de literatura. **Revista de Medicina**, v. 99, n. 2, p. 170-181, 24 abr. 2020.

DE SOUSA, M. N. A.; BEZERRA, A. L. D.; DO EGYPTO, I. A. S. Trilhando o caminho do conhecimento: o método de revisão integrativa para análise e síntese da literatura científica. **Observatorio de la economía latinoamericana**, v. 21, n. 10, p. 18448-18483, 2023.

GHOSH, R.; BARUAH, A. Meta-analysis of effectiveness of psychosocial treatment programs in epilepsy. **Indian journal of social psychiatry**, v. 40, n. 1, p. 48-57, 2024.

GRUENBAUM, B. F. *et al.* Absence seizures and their relationship to depression and anxiety: Evidence for bidirectionality. **Epilepsia**, v. 62, n. 5, p. 1041-1056, 2021.

LEONARDO PEREIRA LEVADA *et al*. Tratamentos para a Epilepsia: Uma Análise da Literatura Recente. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 4, p. 2469-2479, 2024.

MOURA, A. S. *et al.* Análise da relação entre epilepsia e depressão/ Analysis of the relationship between epilepsy and depression. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 2, p. 7338-7361, 2021.

MULA, M. *et al.* Psychiatric comorbidities in people with epilepsy. **Neurology: Clinical Practice**, v. 11, n. 2, p. 1-10, 2020.

PEREIRA, C. DOS S. *et al.* Uma revisão acerca da epilepsia: sua epidemiologia no mundo e seu tratamento / A review about epilepsy: its epidemiology in the world and its treatment. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 5, n. 3, 2022.

PEREIRA, I.; NOGUEIRA, V.; TEIXEIRA, J. Epilepsy and psychosis– where are we now? **European Psychiatry**, v. 64, n. 1, p. 515-525, 2021.

RITA, M. *et al.* Os impactos que interferem na qualidade de vida de crianças com epilepsia: Uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 3, p. 1-8, 2024.

TEIXEIRA, M. M.; SILVA, C. F. DA. Epilepsia e depressão: fatores neuropsicológicos e sociais / Epilepsy and depression: neuropsychological and social factors. **Brazilian Journal of Health Review,** v. 3, n. 6, p. 19801-19810, 2020.

THOMAS, J. A. *et al.* Quality of life in people with epilepsy: The associations of anti-seizure medications and biopsychosocial variables. **Epilepsy & behavior: E&B**, v. 152, n. 109664, p. 1-11, 2024.

TOMBINI, M. *et al.* Epilepsy and quality of life: what does really matter? **Neurological Sciences,** v. 42, n. 9, p. 3757-3765, 2021.

YANG, Y. *et al.* Risk factors for depression in patients with epilepsy: A meta-analysis. **Epilepsy & Behavior**, v. 106, p. 1-10, 2020.

YENI, K. *et al*. Relationships between knowledge, attitudes, stigma, anxiety and depression, and quality of life in epilepsy: A structural equation modeling. **Epilepsy & Behavior**, v. 85, p. 212-217, 2018.

ZAPATA BARCO, A. M.; RESTREPO-MARTÍNEZ, M.; RESTREPO, D. Depresión en personas con epilepsia. ¿Cuál es la conexión? **Revista Colombiana de Psiquiatría**, v. 49, n. 1, p. 53-61, 2020.

ZHANG, H. *et al.* Depression severity mediates the impact of perceived stigma on quality of life in patients with epilepsy. **Epilepsy & Behavior**, v. 125, p. 1-12, 2021.